

AFROBAPHO: O fervo também é político

Tauan Carvalho Coutinho¹
João Gabriel Lima Modesto Pereira²

RESUMO

O trabalho consiste em uma análise rizomática interdisciplinar, seguindo os moldes de uma pesquisa-ação, sobre o evento cultural denominado AFROBAPHO. Essa festa se instaura como um esforço de fortalecimento mediante a convergência e intersecção entre raças, gêneros e sexualidades, num viés de manifestação da cultura negra LGBTQI+ da periferia de Salvador, Bahia. Assumindo o caráter de agência biopolítica dos letramentos de reexistência por reconstruir, recriar e repensar a história de luta e a memória dos agrupamentos socioculturais atravessados, a AFROBAPHO emerge como uma ação de enfrentamento às necropolíticas direcionadas a corpos dissidentes subalternizados. Por meio dos valores das civilizações afrobrasileiras, como a ancestralidade, a memória, a oralidade, a circularidade, a energia vital (axé), a corporeidade, a ludicidade, a musicalidade e o cooperativismo, o fervo também é político.

Palavras-chave: AFROBAPHO, Fervo, Necropolítica, LGBTQI+, Cultura Negra.

INTRODUÇÃO

Segundo Sachs (2005), cultura se define pela produção de símbolos ou materiais como valores, costumes, moral, crenças, leis, línguas, manifestações artísticas e religiosas, aspectos da vida de uma sociedade, signos identitários de uma comunidade, um povo ou um grupo social e que possui uma abrangência ampla e complexa. Nesse sentido, No entanto, esses elementos podem atuar também como dispositivos e mecanismos em favor de uma ideologia, por via de uma série de instituições que tem como intuito tornar-se agente biopolítico da sociedade, para controlá-la e instaurar uma dominação hegemônica, determinando uma imposição de valores, comportamentos, crenças e afins, de forma sutil e fazendo com que se acredite ser algo natural.

Com a existência desse vetor hegemônico, surgem também as esferas sociais do campo cultural que vão de encontro para com esses domínios societários, que não se alinham e não se identificam nem com suas propostas político-sociais nem como pertencentes daquele meio cultural. Logo, se percebe um espaço de conflitos e de disputas simbólicas entre elas e constrói-se uma gama de possibilidades e agenciamentos contra hegemônicos, usando os

¹Graduando do Curso de **Bacharelado Interdisciplinar em Artes** da Universidade Federal da Bahia - UFBA, tauanccoutinho@gmail.com;

²Graduando pelo Curso de **Bacharelado Interdisciplinar em Saúde** da Universidade Federal da Bahia - UFBA, gabriellimaa@hotmail.com;

símbolos dissidentes como instrumento de conhecimento e comunicação de acordo com um sistema sógnico estruturante afirmado por Bourdieu (1989).

Esses segmentos contra hegemônicos se implantam socialmente em um espaço democrático na luta por direitos das ditas minorias, grupos sociais que têm suas representações, vozes e perspectivas políticas marginalizadas e subalternizadas de forma estrutural pelo poder simbólico dominante (FREIRE FILHO, 2004) e, graças a ação estratificante, tem suas reivindicações de teor cultural como gênero, orientação sexual, modos de vida, diferenças étnicas e religiosas, entre outros, as quais são invisibilizadas e muitas vezes demonizadas.

Com a finalidade de propor espaços propícios e profícuos para a discussão, reflexão, informação e formação, essas minorias antissupremacistas empreendem projetos emancipatórios para servir como plataforma para a construção de um novo canal de articulação para suas demandas sociais, que “...**implica na constituição da cultura como campo singular, o qual articula e inaugura: instituições, profissões, atores, práticas, teorias, linguagens, símbolos, ideários, valores, interesses, tensões e conflitos...**” (RUBIM; ROCHA, 2007, p. 34).

É nesse contexto que surge a AFROBAPHO, festa produzida e idealizada por Alan Costa e que vem como uma prática cultural que visa oferecer um espaço de fortalecimento mediante a convergência e intersecção entre raças, gêneros e sexualidades, num viés de manifestação da cultura negra, principalmente dos afro brasileiros que vivenciam nas periferias. A inspiração para a idealização dessa festa vem do documentário “*Paris is Burning*”, que faz referência ao universo *queer*norte-americano e enfoca na produção dos *ballculture*, um sistema de eventos *underground* de subcultura LGBTQI+ norte-americana, que, assim como o evento em questão, é marcado pela territorialização de corpos abjetos, considerados como inóspitos e inabitáveis pela política de corporeidades normativas (BUTLER, 2000).

Além do objetivo principal de promover e incentivar a celebração e o empoderamento da população jovem, negra, periférica e LGBTQI+, a AFROBAPHO oferece entretenimento de baixo custo, evidenciando ritmos exclusivamente de origem das culturas de matriz africana e da diáspora negra, como o *rap*, o *hip-hop*, o *trap*, o *kuduro*, o *pagode*, o *twerk*, o *ragga*, o *dancehall*, o *funk* carioca e outros segmentos (LOPES; FACINA, 2012). Assim, exalta-se as diversas latitudes culturais, até então marginalizadas, visando desmitificar a identidade da arte negra estereotipada, enraizada e legitimada como marginal, sem conteúdo e indigna de interesse.

Ademais, é totalmente possível observar o valor de resistência política e cultural da festa, principalmente de criação e fomento de novas identidades culturais, pois a AFROBAPHO se articula perfeitamente com o conceito de dimensões básicas da criação de cultura. Essas dimensões compreendem, conforme **Barros (2009)**, o caráter humanizador, promovido pela festa nas questões de empoderamento negro e LGBTQI+, bem como o caráter educativo, tendo em vista que a AFROBAPHO e os seus idealizadores estão sempre preocupados com os quesitos sociopolíticos em que se inserem e tentam, principalmente no trabalho de divulgação, deixar nítida o caráter produtivo e econômico, através das informações emitidas, evidentes na relação direta da festa para com as comunidades periféricas.

METODOLOGIA

A fim de se almejar os objetivos pretendidos, alguns caminhos podem ser mais produtores. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa-ação na tentativa de aprofundar a análise a respeito da festa como foco de estudo, por meio de uma leitura sinestésica e de mergulho total, participativa, contínua, possibilitando assim uma leitura que deu base para os movimentos de análise das expressões culturais com um olhar rizomático, fruindo-se de forma não linear, múltipla e aberta, em referência direta ao conceito fundamentado por Deleuze e Guattari (2004).

Desta forma, foi possível construir reflexões, mediante o caráter empirista e qualitativo, sobre como o evento se realiza como um mecanismo de extremo valor contra as necropolíticas direcionadas aos grupos marcados pela interseccionalidade territorial de abjeção e dominação. Buscou-se entender a transmutabilidade dos sistemas sociais rumo à emancipação, através da performance dos sujeitos participantes constante a almejar o sentimento *quatro-pês* (pertencimento, proteção, preservação e perseverança) da identidade negra.

DESENVOLVIMENTO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento AFROBAPHO se apresenta como um espaço de difusão da visibilidade e voz para pautas como identidade afro, que inspirados pelo fenômeno denominado Geração Tombamento e Afrofuturismo, representa uma nova forma de fomentar e reforçar a negritude por meio da estética, enfrentando, combatendo e desestruturando o racismo (SANTOS;

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

SANTOS, 2018). Esse movimento é representado por pessoas que, por meio das suas vestimentas coloridas, do uso de batons, penteados *blackpower*, tranças, *dreads* de diversas cores, etc., afrontam o sistema de poder institucional do Brasil contemporâneo respaldado no Brasil Colônia, que, com início das transições transatlânticas compulsórias, continuam a subjugar e dizimar a população negra, através da necropolítica do racismo e do genocídio.

Fundado por Mbembe (2016), o termo necropolítica refere-se aos projetos de morte destinados a grupos populacionais específicos. Embora, neste contexto, atinja diretamente a população negra, matando-a, este molde de execução do poder se retroalimenta na violência abstrata e prática desempenhada pela classe hegemônica, e por àqueles que se compreendem enquanto aliados do contexto cis-heteropatriarcal branco hegemônico. A necropolítica é a versão contemporânea da colonização, havendo, portanto, a necessidade de reatualizarem as formas de resistência, cabendo aos sujeitos a possibilidade única de se tornarem integralmente humanos.

Para isso, almeja-se evidenciar a beleza negra, principalmente das mulheres, vítimas do racismo e machismo, na medida em que se avalia o seu lugar de pertencimento no mundo por meio do empoderamento e do fortalecimento das estratégias antirracista, em detrimento dos preceitos estigmatizantes apoiados na escravização, quando o corpo negro era objetificado e tido como mercadoria, tratando a estética afrodescendente como inferior, ridícula e sub-humana, seguindo a lógica das antigas práticas colonizadoras e as novas ações colonialistas, individual e coletivamente.

A festa tem como atrações as performances de *dragqueens* e artistas transformistas, talentos do movimento queer negro de Salvador, que apresentam poesias e canções, que retratam as pautas e as existências marginalizadas que a AFROBAPHO constitui como essenciais para a mudança do pensamento tradicional. Tais *performers*, que tem diferentes segmentos estéticos, trazem em sua carga artística a potencialidade de reexistência que culminará na transformação social, se fortalecendo por meio de recursos que vão da estética até o conteúdo do seu discurso, fazendo de si uma obra de arte viva, levantando questionamentos e incomodando e desequilibrando o padrão de ordem social vigente.

Cada *party* possui um fundo histórico, composto pelos eventos sociais passados, mas que abordam a figura sociopolítica colonizadora atualizada a cada evento. A escola psicológica da Gestalt (CAMPOS, 1988) proporciona a análise perceptiva desse fenômeno. As características ancestrais fazem-se presentes na contemporaneidade transmutada e revolucionária, ao passo que convida, principalmente, o povo preto para refutar a hegemonia

européia construída pelos mecanismos ideológicos e mortíferos que detêm há tempos. O contexto passado é estruturante das percepções e interações atuais, a exemplo da festa em si e de como são tratados as pautas nos vídeos e ensaios fotográficos para divulgação postados na página do evento no *Facebook*.

Com isso, eles se apropriam do recurso semiótico e estético e do fenômeno da tecnologia da cultura, que serve como plataforma de aproximação e interação do evento com o espectador, redefinindo o seu alcance e seu significado e auxiliando no entendimento do público a respeito do engajamento proposto pelo idealizador, para chamar atenção para o assunto. O evento traz em sua essência o caráter de “politização da cultura”, pois permite que os espaços políticos também sejam dirigidos pelos segmentos populacionais oprimidos, tornando-os democráticos, na medida em que as influências da cultura sobre os sujeitos não se restringem à construção hegemônica da burguesia (RUBIM, 2007, p. 35). Nesse sentido, há-se a ascensão do fenômeno da “culturalização da política”, por agregar novas demandas acionadas pelas minorias para suas ações culturais.

Portanto, a AFROBAPHO é um ato de militância dos movimentos negro, feminista, LGBTQI+ e da periferia, interpretado como um meio de resistência diante das opressões das supremacias patriarcal, europeia, conservadora e branca. A fim de transformar esse cenário contra-atacando-os com os elementos que foram usados para segregá-los e subalternizá-los, utiliza-se os seus corpos, sua estética e sua cultura para redefinir tal constructo e se libertar das imposições coercitivas apresentadas ao longo da história. Ao revolucionar os meios de expressão para mostrá-los como objetos de manifestação de direitos humanos, políticos, civis e sociais, salienta-se a potência desse instrumento como possivelmente libertador, ao mesmo tempo que reduz a importância de obras “em si”, como ressalta Janine (2007) e que coloca a diversidade como narrativa central, na medida em que

A diversidade, entendida como matriz de todo processo criador, entra na pauta das políticas de preservação do patrimônio e da memória nacional. A necessidade de salvaguardar memórias particulares encontra ressonância na confluência de interesses e ideias que, articulando-se em torno das políticas culturais, promovem um reordenamento administrativo da esfera da cultura, culminando por dar protagonismo a grupos sociais antes excluídos do discurso social. Esses grupos, por sua vez, encontraram, nesse campo, sobretudo, nas políticas de preservação do patrimônio o locus ideal para empreender esforços para conduzir processos identitários que veem redefinindo posições e interesses diante da sociedade (SANTOS, 2012, p.83-84).

Tais posições, por sua vez, precisam demonstrarem-se marcadas pela presença de elementos que fazem clara a ideia da transculturalidade e de interseccionalidade entre raça, sexualidade e gênero. Os atravessamentos identitários contribuem para a produção cultural de

alta qualidade, fortemente influenciada pelos elementos da Diáspora Africana e por elementos pré-existentes nos locais pós-diáspora, afinal “[...] todo fato de cultura é fruto de uma série de empréstimos, rearranjos e adaptações” (BONFIM, 2015, p. 04). E, essas adaptações sinalizam que o evocar dessas narrativas identitárias, a partir dos aspectos coexistentes, podem contribuir para a construção de novas perspectivas de futuro diante das realocações dos lugares que foram predestinados a grupos vulneráveis (AKOTIRENE, 2016).

Entretanto, a expressão Diáspora Africana ou Diáspora Negra pode ser definida como “a dispersão mundial dos povos africanos e de seus descendentes como consequência da escravidão e outros processos de imigração.” (SINGLETON E SOUZA, 2009, p. 449). Dispersão e separação que fora feita contra a vontade dos indivíduos, encarcerados, dominados e enviados para uma terra desconhecida, às colônias americanas, como escravos. A Diáspora foi e ainda é carregada de experiências de violência, opressão social, racial, marginalização e estigmatização. Apesar desse termo possuir uma carga semântica negativa, ele denota também a recriação das identidades africanas por meio de contra-narrativas, práticas e processos de resistência iniciadas desde as viagens às Américas. Remete à ação de resistência e reconstrução de uma imagem identitária cultural e social dos africanos e afrodescendentes. Esse patrimônio se apresenta, atualmente, na existência de produtos simbólicos elaborados por africanos e descendentes, em contato com as culturas dos países e regiões para os quais foram compulsoriamente levados, conseqüentemente, “a diáspora negra passa a ser entendida através das semelhanças e dos sentimentos de solidariedade provocadas pela experiência de desterritorialização e reterritorialização dos povos em trânsito” (SANTOS, 2015, p. 127).

A partir de então, pôde ser fomentada uma nova configuração de cultura para preservação das suas identidades e tradições anteriores, para que não perdessem sua essência e para reinventar e ressignificar outros elementos culturais, frutos de uma transnacionalidade e pela troca de símbolos de valor entre etnias, implicando na criação de novos dispositivos culturais. É importante lembrar que não deve-se alimentar uma visão romântica e ingênua e de fundo compensatório às Diásporas e as Hibridizações Culturais contemporâneas, afinal, não foi um processo positivo e tampouco natural; esse Hibridismo só surgiu como forma de proteção das culturas africanas subjugadas pelo processo de tráfico e escravização.

Além disso, o surgimento de práticas e produtos culturais de dimensões materiais e imateriais, como o samba/pagode, *hip-hop*, *rap*, *reggae*, *kuduro*, *dancehall*, *trap* e afins,

frutos das experiências culturais e multirreferenciais proporcionadas pela diáspora no século XX e XXI, como afirma Santos (2015), atingem de forma significativa e dão embasamento aos processos de letramentos das populações negras, periféricas e LGBTQ. A AFROBAPHO se insere perfeitamente nesse conjunto de novas práticas culturais imateriais da juventude negra e LGBTQ, por exemplo.

Ao se correlacionar com uma política antirracista, anti machista e antiLGBTQfóbica, o reconhecimento dos processos e valores civilizatórios afro-brasileiros, feministas e dos LGBTQ interseccionados e a autoafirmação identitária desses grupos sociais com a música, a dança, a estética e a performance, a AFROBAPHO agrupa elementos que a caracterizam como uma importante agência biopolítica dos letramentos de reexistência desses grupos subalternizados, letramentos esses que podem ser entendidos como "um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder" (KLEIMAN, 1995, p.11).

Se imbricando ainda aos valores das civilizações afrobrasileiras como a ancestralidade, memória, oralidade, circularidade, energia vital (axé), corporeidade, ludicidade, musicalidade e cooperativismo; a ancestralidade está inteira e intensamente relacionada à memória, que é “[...] Um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos” (KESSEL, 20.., p. 4) e não assume como um retorno ao passado e sim, uma possível reelaboração das experiências vividas no presente, pois a mesma faz uma ligação entre o ser e os seres pretéritos em relação às suas existências, como forma de valorizar e cultivar a memória da produção de saber. Essa memória é resgatada na AFROBAPHO pela circularidade proposta no evento, por meio do encontro de sujeitos em uma dinâmica lúdica, de coparticipação e entrosamento e envolvimento de todos os presentes através da corporeidade celebrada por meio das danças que remontam a sua ancestralidade, seguindo o embalo da musicalidade, ou seja, ritmos que fomentam e narram o corpo de maneira positiva mediante os sons e gêneros musicais, como afirma Santos (2015).

Nessa perspectiva de luta e resistência para propor um reconhecimento social, político e cultural de forma lúdica, se encaixa a festa AFROBAPHO, como um “lugar antropológico”, termo criado pelo antropólogo Marc Augé, que pode ser conceituado como

[...] a localização de uma comunidade social, no tempo e no espaço, é tida em conta e relaciona-se com o sentido de pertença dos habitantes e a inteligibilidade dos

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

visitantes. Quer-se identitário, relacional e histórico, lugar é um espaço no qual se imprime um grau de afetividade que resulta das vivências. Sob o ponto de vista histórico, um lugar é aquele que encerra toda uma história e geralmente constitui-se como símbolo identitário de uma comunidade, de uma nacionalidade, de uma cultura. (Barbeito, 2009, p.02)

A AFROBAPHO acaba se transmutando em um território de sociabilidade política e cultural das identidades negra, femininas e LGBTQI+ e suas intersecções, e espaço de reexistência e luta para transgredir o poder e o saber que ousaram tentar e que ainda tentam colonizar esses sujeitos políticos, principalmente para os descendentes de africanos, que herdaram a cultura produzida e concebida no Atlântico Negro. Conforme os indivíduos que os frequentam lhes imprimem algo de si se fazem “palco” de relações coletivas e de sentimentos e sensações compartilhados. Os lugares deixam de ser um espaço abstrato e adquirem um significado e uma potência semântica de suma importância como ferramenta de extremo valor contra a violência biopolítica para esses grupos socioculturais e se transmuta como um canal de emancipação e expressão entre os sujeitos participantes em busca de um sentimento de pertencimento e proteção e preservação da sua identidade, sendo um lugar de importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória desses agrupamentos sociais, como esclarece Kessel (2014).

Essa rede de conexões de memórias e vivências semelhantes pode ser entendida como uma “comunidade afetiva” composta por memórias que determinado grupo ou comunidade tem em comum e partilha entre eles e ecoam o anseio dos indivíduos em resgatar, recuperar e revigorar o passado e no desejo de memorizar e no dever de lembrar em resposta a uma eminente ameaça de esquecimento, como afirma Santos (2012).

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico. (KESSEL, 2014, p.3)

Tendo em vista as diversas considerações e explicações, ainda é preciso considerar que

[...] As perspectivas de diversidade e desenvolvimento social, embora tenham avançado de forma significativa, encontram imensos desafios diante da histórica situação de exclusão e discriminação étnico-raciais no âmbito do estado e da sociedade. (CÔRTEZ, 2012, p. 156)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a AFROBAPHO chega como um espaço para a celebração do povo preto de diversos gêneros e sexualidades, um espaço de propagação do amor e da fraternidade, de socialização e desenvolvimento das sexualidades, chega como um pedaço de África, pulsante, alegre e livre de imposições eurocêntricas, um lugar de conforto e uma válvula de escape, um espaço de formação de força política e revolucionária para uma juventude preta tão castigada e estigmatizada, e que tem desejo por justiça social e racial. No final das contas, a AFROBAPHO é o maior exemplo local de Salvador de que o “Fervo” também pode ser político.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte-MG: Letramento: **Justificando**, 2018.
- BARROS, José Marcio. Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: BARROS, José Marcio (Org.), *Diversidade cultural: da proteção à promoção*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009. p. 15-22.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989, p. 07-15.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.
- CAMPOS, V. F. de A. *Relacionamento - Trajetória do Humano*. Salvador: Vera Felicidade - Terapia Gestaltista, 1988, 1-8. Disponível em <http://www.verafelicidade.com.br/page11d.html>. Acesso em: 21/11/2010.
- FREIRE FILHO, J. *Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias*. **ECO-PÓS** - v. 7, n. 2, agosto-dezembro 2004, pp. 45-71.
- LOPES, A. C.; FACINA, A. *Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas*. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*: n.6, 2012, p.193-206 193.

MBEMBE, ACHILLE. *NECROPOLÍTICA*. Arte & Ensaios. UFRJ: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-EBA, 2016, n. 32, p. 123-151.

SANTOS, Adalberto. Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos. In: RUBIM, Albino e ROCHA, Renata. Políticas culturais. Salvador: Edufba, 2012, p.67-88.

SANTOS, A. P. M. T. dos.; SANTOS, M. R. dos. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. *Dobras*: volume 11, número 23, maio 2018, p. 158-181. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras>>. Acesso em: 22/08/2019.

SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e cultura. *Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 12, n. 33, p. 151-165, abr./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/issue/view/915>>. Acesso em 21 out. 2016.